

JOHN ARMSTRONG

COMO DEIXAR DE SE PREOCUPAR COM O DINHEIRO

How to Worry Less about Money

Traduzido do inglês por
Jorge Lima



Conteúdos

I. INTRODUÇÃO	9
II. PENSAR SOBRE O DINHEIRO	15
1. EM QUE CONSISTEM VERDADEIRAMENTE AS PREOCUPAÇÕES COM O DINHEIRO?	17
2. UMA BOA RELAÇÃO COM O DINHEIRO	25
III. O SIGNIFICADO SECRETO DO DINHEIRO	33
1. QUANDO O DINHEIRO NÃO É DINHEIRO	35
2. COMO NOS LIVRARMOS DA BAGAGEM EMOCIONAL	45
3. O QUE É O DINHEIRO?	55
IV. O DINHEIRO E A BOA VIDA	59
1. O DINHEIRO COMO INGREDIENTE	61
2. A TEORIA DO CASAMENTO DE JANE AUSTEN	69
3. A INVEJA COMO EDUCAÇÃO	75
V. CRIAR ORDEM	81
1. NECESSIDADE <i>VERSUS</i> DESEJO	83
2. DE QUANTO DINHEIRO PRECISO?	95
3. PREÇO <i>VERSUS</i> VALOR	101
4. ANSEIOS E TEMORES	107

VI. COMO GANHAR DINHEIRO SEM DEIXAR DE SER BOA PESSOA	115
1. TER E FAZER	117
2. O QUE REX NÃO PERCEBEU E OUTRAS LIÇÕES	123
VII. O MEU PAPEL NO PANORAMA GERAL	139
1. OS PROBLEMAS DOS RICOS	141
2. AS VIRTUDES DA POBREZA	151
3. A RELAÇÃO ÍNTIMA COM O DINHEIRO	155
TRABALHOS DE CASA	161
AGRADECIMENTOS	169

II. Pensar sobre o Dinheiro

1. Em que Consistem Verdadeiramente as Preocupações com Dinheiro?

As preocupações monetárias tendem a enquadrar-se em quatro grandes grupos:

1. *Sem ele, a minha vida vai ter muitas aflições e chatices.* Vou ser humilhado por não ter dinheiro suficiente para me proteger. Vou ter um baixo estatuto social.
2. *O dinheiro vai obrigar-me a passar uma boa parte da minha vida apenas a ganhar o suficiente para viver.* Não é um desperdício total; simplesmente, haverá muito menos realização pessoal, farei muito menos coisas que valham a pena do que gostaria. Vou passar uma grande parte da minha vida a pensar em prestações e cartões de crédito – em vez de tratar de coisas que acabam por ser muito mais importantes. Mais do que isso é extremamente imprevisível. Poupo-o, para a seguir o ver desaparecer completamente, por causa de uma qualquer flutuação do mercado.
3. *Vou perder as coisas boas da vida que tanto desejo.* Nunca vou viver numa boa casa, ter um grande carro, fazer aquelas férias fantásticas, sentir o agradável aconchego e o conforto que presumo decorrerem de uma segurança financeira bem alicerçada. E isso faz-me ficar de mal comigo próprio e com o mundo. Sinto a preocupação

de poder falhar na minha vida, devido à minha incapacidade de lidar com dinheiro.

4. *O dinheiro é como um vírus.* As pessoas fazem coisas terríveis em nome dele. A lógica através da qual opera parece ser indiferente ao mérito, ao sofrimento ou à justiça. Há uma espécie de destino que, sem razão válida, determina que *esta* pessoa tenha de lutar por uma migalha e *aquela* passe o dia a conferir informações de corretores da bolsa repletas de números com imensos dígitos. O sistema parece-me demasiado grande – não há nada que eu, ou seja quem for, possa fazer.

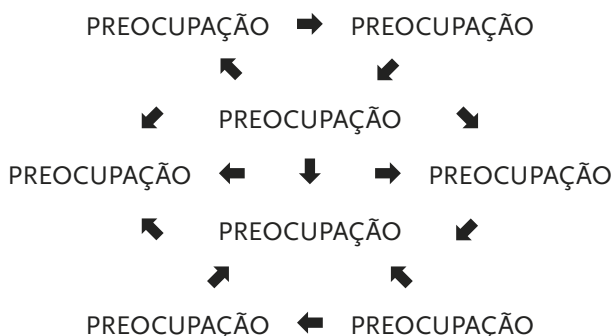
Se queremos fazer algo relativamente às nossas preocupações, temos de as compreender antes de tentarmos dar-lhes uma resposta imediata. De onde provêm? O que lhes está subjacente? O que nos preocupa verdadeiramente? Progredimos na nossa vida quando transformamos ansiedades em questões específicas. Desde que, entenda-se, as transformemos nas questões certas.

As *preocupações* com dinheiro têm lugar por não sermos capazes de dar respostas rigorosas às questões subjacentes:

1. Para que preciso de dinheiro? Dito de outra forma, o que é importante para mim?
2. De quanto dinheiro preciso para isso?
3. Qual a melhor forma de o obter?
4. Quais as minhas responsabilidades económicas para com os outros?

Estas questões ligam-se diretamente às preocupações com que começámos. As questões são difíceis, mas têm respostas reais.

A nossa tendência natural é a de saltitar de uma para outra preocupação; mudamos de tema, por assim dizer, mas não chegamos verdadeiramente a parte alguma:



Um hábito de pensamento mais desejável é aquele em que as preocupações são conservadas na mente, de modo a poderem ser transformadas em questões genuínas:

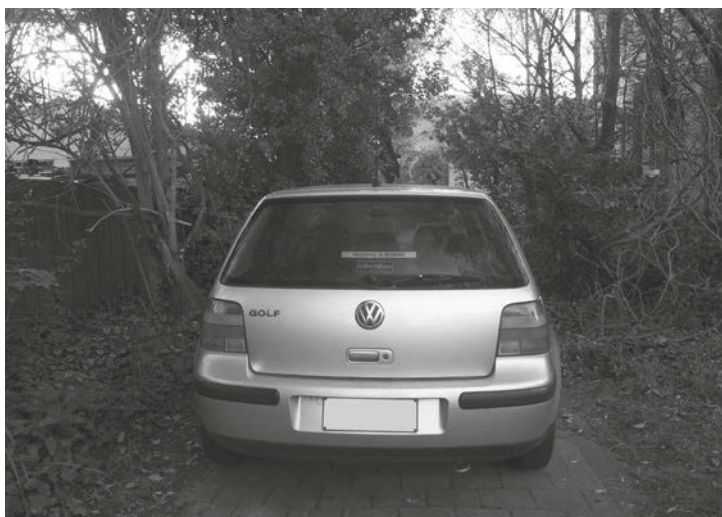
PREOCUPAÇÕES ➡ QUESTÕES ➡ RESPOSTAS

Pode parecer um pouco pedante realçar isto, mas trata-se de um princípio crucial. Nunca conseguiremos realizar quaisquer progressos na resposta às nossas preocupações monetárias se não formos capazes de reconhecer que decorrem de um conjunto de outras questões que lhes estão subjacentes. E essas questões prendem-se com os nossos próprios valores, o nosso estilo de vida e a nossa visão da vida. As nossas preocupações – no que ao dinheiro diz respeito – têm tanto que ver com psicologia como com economia, com a alma como com o saldo da nossa conta bancária.

A nossa primeira tarefa deve ser, então, a de conhecer as nossas preocupações e ligá-las retroativamente a uma

questão subjacente. É bem possível que, numa primeira análise, as preocupações sejam um pouco vagas. Muitas vezes não sei com o que estou preocupado. Isso não significa que a minha ansiedade não tenha causa. Simplesmente não sei com rigor suficiente qual é.

Por exemplo, sinto-me frequentemente ansioso relativamente ao dinheiro quando olho para o meu carro. Já o tenho há dez anos, e ao longo desse período acumulou inúmeros riscos na pintura e outras maleitas menores. Tem uma forma curiosa de chiar; as escovas estremecem sobre o para-brisas; as peças de plástico que protegiam a zona inferior do volante caíram há já algum tempo. O interior parece nunca estar totalmente limpo. Há uma amolgadela de um dos lados, causada por uma marcha-atrás mal calculada num estacionamento subterrâneo. Mas anda e é fiável. Além de que não tenho dinheiro para o trocar.



Quando olho para o meu carro, fico preocupado com dinheiro. Mas qual a origem desta ansiedade?

No entanto, uma parte do meu cérebro diz-me que este não é o carro que eu deveria ter. Imagino algo mais interessante ou mais bonito – ou simplesmente mais atual. Quando estaciono no clube de ténis, sinto-me aliviado se houver outros carros modestos por perto e (envergonha-me dizê-lo, mas é verdade) incomodado sempre que vejo veículos mais elegantes.

Aquilo que me provoca ansiedade é a ideia de estar preso a este objeto, a perspectiva de que nunca conseguirei outro melhor: nunca vou poder dar-me ao luxo de estar satisfeito com o meu carro.

Esta preocupação, na verdade, não tem que ver com o carro propriamente dito. Tem, sim, com imaginação e relações sociais. Mas então, com o que me preocupo, exatamente? Refletindo um pouco, chego à conclusão de que o que me preocupa é não cuidar adequadamente das coisas. Se tivesse tratado bem do carro, ele ainda estaria em ótimo estado. E nesse caso, não me preocuparia o facto de ter dez anos e ser de uma marca vulgar. Quando olho para ele, aquilo que procuro (compreendo-o agora) é a consequência de uma espécie de preguiça – deixando constantemente para amanhã as pequenas reparações, nunca limpando os assentos de trás, etc. É com a minha personalidade que me preocupo. E comprar um carro novo – o que constituiria um pesado encargo – não me faria cuidar melhor dele. Na verdade, estou convencido de que o grande atrativo de um carro novo é, de facto, a possibilidade de começar de novo: da próxima vez, digo secretamente para mim próprio, vou cuidar bem do meu veículo. Mas isso é uma ilusão. Não o fiz no passado. Porque o faria agora?

É verdadeiramente significativo que o “objeto” da preocupação possa estar longe de ser evidente. Isso significa, como

disse atrás, que a tarefa principal é a de pensar, em vez de nos precipitarmos para uma solução.

Pegando noutro exemplo: no meu caso, a ansiedade ataca-me relativamente a um hotel de luxo muito específico de Veneza. Quando penso nisso – o hotel é extremamente elegante, cheio de *charme* e absurdamente dispendioso – fico frustrado e deprimido. Olho com horror para o meu reduzido saldo bancário. Nunca vou conseguir passar lá uma noite. É claro que há um milhão de coisas para as quais nunca terei dinheiro, milhões de hotéis de grande luxo. Porquê preocupar-me com este hotel em particular?

Analisando-me um pouco, chego à conclusão – pela primeira vez – de que associo esse hotel a figuras históricas que admiro. Julgo que o crítico de arte John Ruskin se hospedou nele. Tenho quase a certeza de que o escritor Cyril Connolly o fez, e também o historiador Kenneth Clark. Para mim, o hotel significa: podes ser como eles, por mais disparatada que a ideia pareça quando exposta à luz do dia. Não seria por me hospedar nesse hotel que ficaria ao nível desses vultos. Mas isto sugere que a preocupação não tem, em última análise, que ver com dinheiro. Trata-se, no fim de contas, da preocupação de me sentir, por comparação com estes homens que admiro, pouco concentrado no rumo a seguir e com falta de coragem. Estas são preocupações a que vale a pena tentar dar resposta; mas a resposta não reside seguramente num hotel de luxo.

Uma outra preocupação relacionada com dinheiro é a de os meus filhos, quando chegarem a adultos, não ganharem o suficiente. Tento congeminar formas de poupar agora de modo a garantir-lhes segurança. Se puser de lado uma certa quantia todas as semanas, em que é que a transformarão os juros compostos daqui a 50 anos? (Embora esse prazo seja

demasiado longo para poder ser minimamente útil.) Mas as verdadeiras preocupações, apercebo-me agora, têm que ver com a independência interior dos meus filhos e o carácter radicalmente indefinido do futuro. Talvez eles não venham a preocupar-se com aquilo que me parece importante a mim. Na verdade, estou a confrontar-me com o facto de não conseguir imaginá-los crescidos. Como poderá um dia a rapariguinha que brinca na areia ter um rendimento de classe média? A minha preocupação é, portanto, existencial: os meus filhos vão crescer e ser senhores da sua própria vida; serão independentes de mim.

Não sabemos muitas vezes qual é o problema para o qual necessitamos de uma solução. As minhas preocupações, neste aspeto, claramente, só em parte têm que ver com dinheiro. São igualmente preocupações com a possibilidade de os outros gostarem de mim, com o bem-estar dos meus filhos, com a forma como me relaciono com as minhas esperanças secretas de realização e sucesso, e com a coerência da minha vida. Mas estes, evidentemente, são pontos de partida bastante vagos. A tentação sempre presente é a de dizer que, visto que são vagos, podem ser descartados. Na verdade, porém, é precisamente *porque* são vagos que exigem atenção e clarificação suplementares.

